

Reflexões sobre a inteligência emocional: possíveis contribuições para o exercício docente

Rosangela Moreira Andrade

Letras – Língua Espanhola e suas Literaturas
Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC
E-mail: andrade235@hotmail.com

Nair Floresta Andrade Neta

Professora de Língua Espanhola (UESC)
Doutora em Educação (Universidade Complutense de Madrid)
E-mail: nairandrade@hotmail.com

Recebido em: 25/02/2018.

Aprovado em: 10/05/2018.

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados de pesquisa de iniciação científica, que teve como tema a influência da Inteligência emocional do/ no fazer docente e, como objetivo geral, investigar a influência da afetividade do e no fazer docente a partir das contribuições das pesquisas sobre o construto da Inteligência Emocional (IE) aplicadas à Educação. Como objetivos específicos, propusemos situar a Inteligência Emocional como habilidade; identificar, em diversos estudos, resultados que se refiram ao impacto do construto da IE no fazer docente; identificar, a partir dos dados coletados nessa pesquisa, argumentos que evidenciem ou refutem a influência da IE na Educação. Trata-se de uma pesquisa de corte qualitativo, que assume os pressupostos teórico-metodológicos da Pesquisa bibliográfica e da pesquisa documental, assim como da análise de conteúdo simplificada como técnica para a análise dos dados. Os resultados sugerem que as habilidades da IE são relevantes para o fazer docente. Por isso, faz-se mister fomentar pesquisas nessa área e promover meios para que o docente possa desenvolver e/ou aprimorar a sua IE.

Palavras-chave: Habilidades Emocionais da IE. Práticas pedagógicas. Gerenciamento emocional. Formação docente. Afetividade na Educação.

Reflections on emotional intelligence: possible contributions to the teaching practice

Abstract: This article aims to present the results of our scientific initiation research, the influence of Emotional Intelligence in the teaching profession and, as a general objective, to investigate the influence of the affectivity of and in the teacher making from the contributions of the research on the construct of Emotional Intelligence (EI) applied to Education. As specific objectives, we proposed situating Emotional

Intelligence as ability; to identify, in several studies, results that refer to the impact of the EI construct on the teaching; identify from the data collected in this research, arguments that evidence or refute the influence on education. It is a qualitative research that assumes the theoretical and methodological aspects of bibliographic research and documentary research, as well as content analysis simplified as a technique for data analysis. The results suggest that EI skills are relevant to make it a teacher. Therefore, it is necessary to promote research in this area and promote means for the teacher to develop and/or improve their EI.

Keywords: EI Emotional Skills. Pedagogical practices. Emotional management. Teacher Education. Affectivity in Education.

Introdução

A Inteligência emocional, no contexto educacional, é bastante estudada internacionalmente. Porém, no Brasil, ainda são necessários estudos nessa área. Sendo assim, o projeto de pesquisa, do qual se origina este trabalho, pretende contribuir para fomentar o conhecimento sobre a dimensão afetiva e, mais especificamente, sobre a Inteligência Emocional (doravante IE) no que tange as suas contribuições para o exercício docente, como também para outras esferas da vida profissional.

Acreditamos que, sendo um tipo específico de inteligência, ao ser desenvolvida e aprimorada, a IE se apresentará como mais um recurso para o docente no exercício de suas funções. O porquê de a inteligência emocional como um elemento basilar para a função docente terá mais sentido ao longo da exposição dos dados coletados e analisados durante a pesquisa.

O objetivo deste artigo é apresentar os resultados de nossa pesquisa de iniciação científica, que teve como tema a influência da Inteligência emocional do/no fazer docente. Trata-se de uma pesquisa de corte qualitativo, que assume os pressupostos teórico-metodológicos da Pesquisa bibliográfica e da Pesquisa documental, assim como da Análise de conteúdo simplificada como técnica para a análise dos dados. De modo específico, propõe-se a situar a Inteligência Emocional como habilidade; identificar, em diversos estudos, resultados que se refiram ao impacto do construto da IE no fazer docente; identificar, a partir dos dados coletados nessa pesquisa, argumentos que evidenciem ou refutem a influência da IE na Educação.

Como fontes documentais para a pesquisa foram utilizados: artigos, ensaios e outros textos que tratam da afetividade e, especialmente, da Inteligência Emocional, disponíveis em revistas, livros, bancos de teses, entre outros suportes. O *corpus* constitui-se de pesquisas que apresentam em seus resultados informações que evidenciam a dimensão afetiva e a influência da Inteligência Emocional no fazer docente.

Teoricamente, este trabalho fundamenta-se em estudos de autores como: Salovey, Mayer e Caruso (2002, 2007); Bar-On (2002); Sternberg (2002); Berrocal (2007); Navas (2007); Andrade Neta (2012); Furtado (2005); dentre outros que defendem a importância da dimensão afetiva na Educação e, mais especificamente, a ideia de que a inteligência emocional deve ser desenvolvida, aprimorada e inserida no contexto educacional, como parte das competências e habilidades a serem desenvolvidas pelos docentes e alunos. Esses estudiosos ressaltam ainda que a IE pode contribuir de modo amplo para o exercício docente. Desse modo, conhecer como a afetividade e a IE influenciam na sua prática é de grande importância profissional, ética, moral e social para os docentes.

Estruturalmente, o artigo compõe-se de cinco tópicos, sendo o primeiro a introdução. No segundo, expõe-se uma definição abrangente da inteligência: apresenta-se, ainda, uma crítica a respeito do teste de quociente intelectual (QI), usado para medi-la. No terceiro, apresenta-se o conceito de Inteligência Emocional (IE), relacionando-o com os estudiosos que o formularam; ainda neste tópico, apresenta-se uma pequena explanação do contexto no qual se deu sua (re)formulação. No penúltimo tópico, discorre-se a respeito da aplicação da IE no âmbito educacional, de modo a destacar sua influência na prática docente. Por último, elaboramos, com base nos resultados encontrados na pesquisa, uma provável resposta de como a IE influencia na prática docente.

2 Definição de Inteligência

Antes de falarmos em inteligência emocional, apresentaremos uma definição de inteligência, a modo de distinção entre inteligência

e a inteligência emocional. Consenza e Guerra trazem uma definição abrangente de inteligência como:

[...] uma capacidade muito geral que, entre outras coisas, envolve a habilidade de raciocinar, planejar, resolver problemas, pensar de forma abstrata, compreender ideias complexas, aprender rapidamente e por meio da experiência. Não é apenas uma habilidade acadêmica, uma aprendizagem livresca ou esperteza ao responder testes. Ela reflete uma capacidade mais ampla e profunda para a compreensão do ambiente: apreender o contexto, dar sentido às coisas, antecipar o melhor curso de ação (CONSENZA; GUERRA, 2011, p. 117).

Mayer, Salovey e Caruso (2002, p. 91) consideram que “o termo inteligência é bem mais aplicado para traços mentais cujo principal propósito seja a resolução de problemas em um certo domínio”. Durante muito tempo, utilizou-se do teste de Quociente de Inteligência (QI), que media aptidões em determinadas áreas do conhecimento e que previa o sucesso acadêmico. Contudo, estudos posteriores demonstraram que nem tudo relacionado com o sucesso ou fracasso acadêmico, profissional e pessoal – como notas máximas, capacidade de liderança, êxito na profissão, criatividade, sociabilidade, boa convivência – poderia ser explicado pelo QI (NAVAS; BOZAL, 2003).

Esse entendimento se deve ao fato de que mesmo alguns indivíduos com QI altíssimo podem não obter sucesso nos mais variados âmbitos da vida, pois existem indivíduos com menores níveis de QI que conseguem obter sucesso, tanto na vida acadêmica, quanto na vida pessoal. Entre os principais fatores que explicam essa aparente contradição encontra-se a Inteligência emocional (HEDLUND; STERBERG, 2002; NAVAS; BOZAL, 2003). Nesse sentido, apresentamos, na próxima seção, o conceito de Inteligência emocional e a informação sobre seus principais formuladores.

3 O conceito de Inteligência Emocional

Antes de conceituarmos a Inteligência Emocional, faremos um breve histórico sobre seus predecessores e respectivos teóricos, a fim de que o leitor possa compreender sobre como se deu a necessidade

de sua conceitualização. Posteriormente, discorremos acerca da sua inserção como habilidade contributiva na tarefa docente.

Segundo Navas e Bozal (2003, p. 405), basicamente são dois os antecedentes da IE, a saber: o conceito de Inteligência Social, definida pela primeira vez por Thorndike (1920), e o conceito de inteligências pessoais, desenvolvido por Gardner (1983), em sua *Teoria das Inteligências Múltiplas*. Como um conceito multidimensional, a inteligência social “consiste em elementos cognitivos (a habilidade de entender o outro) e em elementos comportamentais (a habilidade de agir ou comportar-se de maneira sábia em relação aos outros [...])” (HEDLUND; STERBERG, 2002, p. 113).

A teoria das Inteligências Múltiplas, desenvolvida por Gardner, afirma que “existiriam oito inteligências: verbal, lógico-matemática, visioespacial, corporal-cinestésica, musical, interpessoal, intrapessoal e naturalística.” (CONSENZA; GUERRA, 2001, p. 120). Entre elas, destacamos a interpessoal e a intrapessoal, as quais teriam influenciado no desenvolvimento do conceito de Inteligência emocional. Por isso, a importância de conhecê-las antes de adentrarmos propriamente na conceitualização da IE.

Segundo Hedlund e Sterberg (2002, p. 112), a inteligência interpessoal é definida como a capacidade de “entender o outro e agir de acordo com esse entendimento”. No que tange à intrapessoal, ainda segundo esses autores, define-se como:

[...] habilidade de entender a si próprio – o indivíduo saber como se sente a respeito das coisas, entender a própria variedade de emoções, ter *insights* a respeito de por que age de um certo modo e se comportar de maneira adequada às próprias necessidades, objetivos e habilidades. (HEDLUND; STERBERG, 2002, p. 112).

Esta última tem a ver com o que sente a pessoa diante de suas percepções sentimentais e emocionais, da maneira que as emoções a afetam e a sua resposta emocional. Conforme a leitura de Consenza e Guerra (2001, p. 120-121), a Inteligência interpessoal “coordena as capacidades de compreender as pessoas, de comunicar-se com elas e de trabalhar de forma colaborativa”. Por outro lado, a intrapessoal “tem a ver com a capacidade de compreender e lidar com as próprias emoções e pensamentos, com a habilidade de controlá-los e trabalhar

com eles de forma objetiva”. A seguir, apresentamos como surgiu a necessidade de desenvolver o conceito de IE e posteriormente sua ampliação.

A respeito desse conceito, temos em Navas e Bozal a premissa segundo a qual

[...] os psicólogos desenvolveram estruturas de trabalho como a Inteligência Emocional (IE) para descrever e explicar como distintas habilidades mentais para usar e manejar as emoções próprias e/ou as de outros, pode incrementar a probabilidade de uma adaptação bem sucedida de uma pessoa, às diferentes circunstâncias pessoais e ou sociais que se apresentam diariamente. (NAVAS; BOZAL 2003, p. 398, tradução nossa).¹

Embora no parágrafo anterior se apresente uma noção do que seja a IE, ainda não se trata de sua definição. Esta surgiu em 1990, formulada por Mayer e Salovey, entretanto, somente em 1995 tornou-se conhecida, isto devido à publicação do livro *Inteligência Emocional*, escrito por Daniel Goleman que lançou esta obra aproveitando-se dos grandes debates sobre a inteligência medida pelo QI, ocorridos nos Estados Unidos, por causa das interpretações polêmicas em torno da obra *The Bell Curve* (NAVAS; BOZAL, 2003).

Academicamente, apesar do grande sucesso de vendas, a obra de Goleman e sua definição da IE não foram bem aceitas nesse meio. Outro aspecto relevante sobre a IE é que perante seu destaque, por causa da obra de Goleman, houve também uma distorção em relação ao conceito inicial. Diante disso, os originais pioneiros, Salovey e Mayer, resolveram reformulá-lo para valorizá-lo cientificamente, entre outros motivos (ANDRADE NETA; GARCÍA; GARGALLO, 2008). Nessa revisão conceitual, explica-se que:

A inteligência emocional implica a habilidade para perceber e valorar com exatidão a emoção; a habilidade para acessar e/ou gerar sentimentos quando esses facilitam o pensamento; a habilidade para compreender a emoção e o conhecimento emocional, e a habilidade para regular as emoções que promovem o crescimento emocional e intelectual. (MAYER; SALOVEY, 2007, p. 32, tradução nossa).²

Essa será a definição adotada neste trabalho, devido a sua maior utilização e aplicabilidade mostrada nas pesquisas, em geral, além de maior cientificidade a ela conferida. De acordo com Andrade Neta, García e Gargallo (2008, p. 13), na revisão conceitual, Mayer e Salovey “procuraram focalizar a IE como um conjunto de aptidões, capacidades ou habilidades mentais, aproximando-a mais do campo de estudos da inteligência”.

Outra questão a ser destacada é que Mayer e colaboradores, por meio de um teste de inteligência emocional, denominado *Multifactor Emotional Intelligence Scale* (MEIS) e da análise dos resultados, concluíram que “a inteligência emocional pode ser caracterizada adequadamente como uma habilidade mental porque seus resultados seguem os padrões de outras medidas estabelecidas de inteligência” (HEDLUND; STERNBERG, 2002, p. 119-120).

Encontra-se, na pesquisa de Extremera e Berrocal que a IE “incide como uma forma de inteligência genuína, baseada em aspectos emocionais, que incrementa a capacidade do grupo clássico de inteligências para prever o sucesso em diversas áreas vitais” (EXTREMERA; BERROCAL, 2003, p. 98, tradução nossa).³ Além dessa pesquisa, há muitas outras que identificam a IE como sendo uma forma específica de Inteligência.

Esses estudos, em sua maioria, afirmam que a IE pode ser desenvolvida e, com isso, trazer grandes benefícios. Além disso, ratificam a necessidade de inseri-la, como habilidade para ser desenvolvida de modo efetivo no campo da educação, em seus diversos níveis. Sabe-se que as contribuições dessa inteligência ultrapassam as fronteiras da vida profissional do educador, pois apresentam também ganhos em outras esferas de sua vida.

Porém, aqui neste artigo, destacamos o eixo que atinge diretamente a prática docente, devido ao fato de ser neste onde os efeitos da influência da IE podem contribuir mais diretamente e, de modo bastante perceptível, no processo de ensino-aprendizagem. Desse modo, abordaremos, em seguida, a respeito de algumas dessas facetas nas quais a IE pode trazer benefícios quando considerada no âmbito educacional.

4 A Inteligência Emocional no âmbito educacional

As pesquisas, até agora, demonstram que a inteligência emocional contribui para o desempenho dos professores. Apontam que, em termos gerais, a IE serve para que atuem melhor frente a vários contextos, por exemplo, respondendo com maior eficácia aos problemas que possam surgir no âmbito escolar dentro e fora da sala de aula (BOZAL; MÁRQUEZ, 2007). Em geral, supõe-se que os docentes emocionalmente inteligentes podem ajudar a desenvolver essa inteligência no aluno, proporcionando-lhe certa competência emocional. Ao longo do texto, outros motivos serão expostos para justificar a relevância da aplicação da IE na formação de professores, inicial e continuada.

Outras pesquisas confirmam que a IE contribui para o relacionamento docente-discente, visto que o conhecimento sobre as emoções, e a sua importância para o aprendizado como um todo, pode fazer com que o docente atue de forma mais ponderada, reflexiva e equilibrada, evitando deixar-se levar inconscientemente pelas emoções frente ao mau comportamento de algum aluno, respondendo de modo emocionalmente inteligente, nesta e em outras situações que podem ocorrer nas instituições de ensino e, como já se sabe, pedem um alto grau de gerenciamento das emoções e dos sentimentos do professor (EXTREMEIRA; BERROCAL, 2004; BOZAL; MÁRQUEZ, 2007).

Furtado (2005) elabora uma importante reflexão que amplia o entendimento e reforça a necessidade de inserir o conhecimento da IE na formação docente: “tomar consciência do papel do outro na vida de todos, se constitui, cada vez mais, numa necessidade [...]” (p. 16). Segundo essa autora, “[quando] constatamos que a relação interpessoal apresenta centralidade, no contexto da ação docente, o desenvolvimento da Inteligência Emocional passa a figurar como um dos importantes objetivos da formação desse profissional” (p. 109).

Ainda de acordo com a autora supracitada, podemos acrescentar, devido à importância que tem o professor na formação intelectual e afetiva, dentre outras, de seu alunado, que a aplicação da IE em sua formação, torna-se de um “compromisso ético-político com a produção de um conhecimento capaz de contribuir para um movimento de qualificação da vida” (FURTADO, 2005, p. 16). Também

destacando o fator ético, Fernández (2009) afirma que a educação emocional liga o que somos biologicamente ao que pretendemos ser do ponto de vista ético.

Dessa forma, podemos afirmar que o desenvolvimento das habilidades emocionais do docente envolve, também, uma questão ética para com este e, conseqüentemente, para com o discente que irá conviver durante um período importante da sua vida, que é o período escolar. Por conseguinte, convém que as instituições de ensino fomentem o desenvolvimento das competências e habilidades emocionais como um aspecto integrado ao currículo/programas de formação de professores (BERROCAL; PACHECO, 2003).

Isso ajudaria o docente a ter maior autonomia em sua prática ao adquirir conhecimentos sobre as emoções. Além disso, surge por meio da IE, a possibilidade de um maior gerenciamento emocional, tanto das suas emoções quanto das de seus alunos. Para reforçar esse argumento, trazemos a reflexão de Extremera e Berrocal (2004, p. 1, tradução nossa), acerca da importância de serem desenvolvidas tais habilidades, que ressaltam que o docente, “queira ou não, é um agente ativo de desenvolvimento afetivo e deveria fazer um uso consciente destas habilidades em seu trabalho”.⁴

No entanto, de modo geral, os cursos de formação ainda não dão o destaque e a relevância necessários à dimensão afetiva. E, quando trabalham a questão emocional, priorizam as emoções dos alunos de maneira ampla, sem se preocupar em desenvolver as habilidades emocionais, para que possam desenvolver a inteligência emocional em ambos envolvidos no processo de aprendizagem, professor e aluno. Como afirmam Barcelos e Silva (2015), ainda carecem de estudos que tratem das emoções dos professores e suas conseqüências na sua prática pedagógica.

Berrocal e Arranda (2008, p. 430) afirmam que “as pessoas emocionalmente inteligentes não somente são mais hábeis para perceber, compreender e guiar suas próprias emoções, mas também são mais capazes de extrapolar estas habilidades às emoções de outras pessoas”.⁵ Acrescentam ainda que essa inteligência emocional contribui para melhorar a qualidade da convivência. Desse modo, apresenta-se a seguir mais argumentos que justificam o incentivo para que se fomente a pesquisa e aplicação da IE na formação de professores.

Com base nas ideias encontradas no estudo de Melero (2000), sobre a conveniência da educação emocional, podemos afirmar que refletir sobre a IE e proporcionar sua inserção e desenvolvimento nos cursos de formação de professores provavelmente resultariam em uma formação integral dos alunos, o que contribuiria para a construção de uma sociedade mais capaz de tolerar as diferenças e reagir a elas de forma mais equilibrada. Daí, então, que possibilitar ao docente os conhecimentos sobre a IE torna-se um fator ímpar para que se alcance essa sociedade.

Bozal e Márquez (2007) nos lembram que os educadores são modelos de competências sócio-emocionais, tanto formal quanto informalmente. Isto porque sua maneira de lidar com os conflitos emocionais torna-se exemplo para os alunos. Estes podem, ao observar o professor, aprender a reproduzir as respostas emocionais dele. Essa ideia é compartilhada por outros estudiosos da Educação, entre eles, Andrade Neta (2012), que apresenta, em sua pesquisa sobre as emoções na formação de professores de espanhol como língua estrangeira (ELE), dentre outros discursos relacionados com a dimensão afetiva, a seguinte ideia: os professores formadores podem influenciar os professores em formação, porque sendo modelos, positivos ou negativos, para os alunos que se preparam para exercer a docência, estes últimos, de modo consciente ou não, podem repetir as ações dos primeiros quando forem ministrar suas aulas.

Essa autora, também, formula uma importante indagação sobre o professor e a sua capacidade de atuar como modelo para os alunos em formação, a saber:

[...] nos perguntamos até que ponto, quando estejam em exercício docente efetivo, suas atitudes e ações serão de continuidade ou ruptura com modelos de formação geradores de emoções negativas. Estas são perguntas para as quais ainda não temos respostas, [...] mas poderiam ser objeto de desdobramentos futuros deste estudo (ANDRADE NETA, 2012, p. 403).⁶

Pode-se inferir que, se os professores, formador e em formação, aprendessem a ser emocionalmente inteligentes, por meio do desenvolvimento de certo nível de IE, suas atitudes poderiam influenciar na diminuição da incidência de práticas aversivas durante o exercício docente. Isso tanto no ensino superior, onde os professores formado-

res atuam, quanto no fundamental e médio, níveis nos quais acabam por exercer a docência a maioria dos estudantes de licenciatura.

Outro benefício é que o licenciando teria maior capacidade para rechaçar os modelos negativos que tivera ao longo da sua vida; além disso, ser um modelo de pessoa emocionalmente inteligente para seus futuros discentes. Sendo assim, a IE surge como uma forma de romper com os modelos de formação geradores de emoções negativas ao qual Andrade Neta se refere.

Fernández ressalta que apesar das tentativas de inserção desses conhecimentos no contexto educacional, aparecem também alguns problemas, no que se refere ao modelo formativo, visto que não acontecem no espaço escolar, com as vivências e as emoções dos docentes em sala de aula. Problematiza ainda que:

Em suma, o professorado trabalha com os níveis de competência social e emocional que puderam desenvolver de um modo quase intuitivo durante seu processo de socialização. As carências que aparecem na prática profissional não são atribuíveis a defeitos nos docentes, mas se devem fundamentalmente à precariedade ou ausência de uma formação específica no terreno das inteligências intrapessoal e interpessoal. (FERNÁNDEZ, 2009, p. 147, tradução nossa).⁷

O professor é uma figura muito importante e a capacidade de gerenciar suas emoções e as de seus discentes é uma condição *sine qua non* para o exercício desta função. Pesquisas realizadas em salas de aulas demonstram que a relação entre educador-objeto de estudo-educando é altamente gerenciada pela dimensão afetiva, que poderá resultar em ganhos e/ou perdas a depender de como é considerada no contexto de aprendizagem.

Nessas pesquisas, “[...] o conjunto dos dados sugere que a mediação feita pelas professoras constituiu-se como um fator fundamental para determinar a natureza da relação do aluno com o objeto do conhecimento.” (LEITE, 2006, p. 29). Ou seja, um professor que não sabe gerir suas emoções, tampouco as dos alunos, e as expõe de modo exagerado ou não propício no contexto de sala de aula, poderá provocar uma instabilidade emocional em sua turma.

Isso, talvez, ocorra em prejuízo a sua prática pedagógica nas suas diversas etapas. Um dos motivos é que os alunos poderiam ficar muito agitados, nervosos, dentre outras situações desagradáveis, despertadas

por este educador que ainda não desenvolveu a sua IE. Por isso, a necessidade de regulação emocional pelos docentes em sua prática pedagógica, com o objetivo de diminuir atitudes emocionais que não reflitam as possíveis consequências para a vida profissional do professor e acadêmica do discente. Essa necessidade de gerenciamento emocional é percebida pelos docentes (COELHO, 2010).

Destaca-se também que a inteligência emocional pode contribuir para a prevenção do estresse no docente e de futuras enfermidades físicas e mentais deste. Nesse sentido, Extremera e Berrocal afirmam que:

Em concreto, as habilidades de inteligência emocional exercem efeitos benéficos para o professorado a nível preventivo. Ou seja, a capacidade para raciocinar sobre nossas emoções, percebê-las e compreendê-las, como habilidade intrínseca do ser humano, implica, em último termo, o desenvolvimento de processos de regulação emocional que ajudariam a moderar e prevenir os efeitos negativos do estresse docente aos quais os professores estão expostos diariamente. (EXTEMERERA; BERROCAL, 2004, p. 4, tradução nossa).⁸

Dentre as enfermidades que podem acometer o docente e que a inteligência emocional pode ajudar a prevenir o aparecimento, destaca-se a *burnout*, síndrome de estar queimado (EXTEMERERA; BERROCAL, 2004; BERROCAL; PACHECO, 2003). Nesse sentido, reforçamos a importância de o docente desenvolver as habilidades emocionais. Por isso, defendemos que, na formação dos professores, se dê espaço para sua capacitação não só em conteúdos formais, mas também em conteúdos informais, como a dimensão afetiva. Nesse trabalho, destacamos a IE, tão importante para qualquer ser humano e, em especial, para os docentes que trabalham com a formação de pessoas.

Entretanto, para isso, é preciso oferecer aos docentes meios de adquirir as habilidades de gerenciamento emocional para que possam vir a ser competentes emocionalmente. Nesse sentido, apresentamos a seguir, o Modelo de Habilidades de Mayer e Salovey, que listam algumas habilidades emocionais, as quais, ao serem desenvolvidas, podem ajudar a melhorar a capacidade de gestão emocional dos educadores, segundo Hedlund e Sternberg:

Esses investigadores propuseram um modelo de inteligência emocional para organizar as diversas habilidades envolvidas no processamento adaptativo de informações emocionalmente relevantes. Tais habilidades dizem respeito à (1) precisão da avaliação e expressão de emoções em si e no outro, (2) assimilação da experiência emocional na cognição, (3) reconhecimento, entendimento e raciocínio a respeito de emoções e (4) regulação adaptativa de emoções em si e no outro (HEDLUND; STERNBERG, 2002, p. 119).

Pesquisas empíricas que se propuseram a desenvolver as habilidades da IE utilizando-se do Modelo de Habilidade de Mayer e Salovey, e, posteriormente, aplicaram o teste de inteligência emocional *Multifactor Emotional Intelligence Scale* (MEIS), obtiveram resultados que demonstraram um aumento do nível de IE nos indivíduos que se propuseram a desenvolvê-la. Além desse Modelo, foram utilizadas outras formas de desenvolver as habilidades emocionais e outros testes aplicados, os quais, assim como o desenvolvido por Mayer e Salovey, demonstraram uma melhor percepção e desenvolvimento de habilidades e competências emocionais, dentre outros benefícios.

De modo geral, as pesquisas concluem que o desenvolvimento da IE influencia positivamente na prática escolar: Melero (2000); Berrocal e Pacheco (2003); Navas e Bozal (2003); Extremera e Berrocal (2004); Martín, Márquez e Brackett (2006); Bozal e Márquez (2007); Coelho (2012); dentre outras, que demonstram a interferência positiva da IE na prática escolar e na formação sociointelectual das pessoas, quando estas têm a oportunidade de desenvolvê-la.

Considerações finais

Em nossa pesquisa, da qual se origina este artigo, constatamos que a dimensão afetiva e a IE como habilidade influenciam na prática docente. Sabemos que o professor se depara com inúmeros desafios em seu cotidiano escolar. Por isso, ter melhor preparo emocional pode fazer a diferença na hora de tomar decisões sobre como agir para resolver determinados conflitos e superar tais desafios. O desenvolvimento da IE como habilidade docente tende a promover benefícios para ambos os envolvidos no processo, docente e discente. Ao adquirir tal habilidade, o professor aumentará a sua capacidade

de evitar estresse para si e para seus alunos, de modo a reduzir a probabilidade de incorrer em práticas pedagógicas aversivas.

Ao analisar os dados coletados durante a pesquisa, que a nosso ver convergem para a mesma ideia de que a IE contribui para o gerenciamento emocional do docente, inferimos ser necessária sua inserção na prática docente. Acreditamos que o docente com certo nível de IE poderá ser, ainda, um modelo de pessoa emocionalmente inteligente para os seus alunos, visto que também se aprende por meio de exemplos, apreendidos pelos discentes, ainda que de modo inconsciente.

Faz-se mister a aplicação da Inteligência Emocional à educação. Contudo, a IE não irá solucionar todos os problemas vigentes em nossa Educação, mas apresenta-se como um meio de evitar alguns deles, como o de incapacidade de gerenciamento emocional. Sendo assim, torna-se imprescindível que os docentes tenham a possibilidade de desenvolver competências e habilidades emocionais, pois elas são fundamentais à profissão docente e devem ser adquiridas ainda durante a sua formação. Essa questão deve ser eticamente estabelecida pelas instituições que capacitam esses profissionais. É necessário problematizar e reforçar, cada vez mais, a relevância da Inteligência Emocional no contexto educacional, com ênfase na prática docente, na tentativa de melhorar sua qualidade.

Notas

- 1 “los psicólogos desarrollan estructuras de trabajo como la Inteligencia Emocional (IE) para describir y explicar cómo distintas habilidades mentales para usar y manejar las emociones propias y/o la de los demás, puede incrementar la probabilidad de adaptación exitosa de una persona, a las diferentes circunstancias personales y o sociales que se presentan diariamente” (NAVAS; BOZAL 2003, p. 398)
- 2 “La inteligencia emocional implica la habilidad para percibir y valorar con exactitud la emoción; la habilidad para acceder y/o generar sentimientos cuando éstos facilitan el pensamiento; la habilidad para comprender la emoción y el conocimiento emocional, y la habilidad para regular las emociones que promueven el crecimiento emocional e intelectual” (MAYER; SALOVEY, 2007, p. 32).
- 3 “La IE se acuña como una forma de inteligencia genuina, basada en aspectos emocionales, que incrementa la capacidad del grupo clásico de inteligencias para predecir el éxito en diversas áreas vitales” (EXTREMERERA; BERROCAL, 2003, p. 98).
- 4 “lo quiera o no, es un agente activo de desarrollo afectivo y debería hacer un uso consciente de estas habilidades en su trabajo” (EXTREMERERA; BERROCAL, 2004, p.1).

- 5 “las personas emocionalmente inteligentes no sólo son más hábiles a la hora de percibir, comprender y manejar sus propias emociones, sino también son más capaces de extrapolar estas habilidades a las emociones de los demás” (BERROCAL; ARRANDA, 2008, p. 430).
- 6 “[...] nos preguntamos hasta qué punto, cuando estén en el ejercicio docente efectivo, sus actitudes y acciones serán de continuidad o ruptura con modelos de formación generadores de emociones negativas. Estas son preguntas para las cuales aún no tenemos respuestas, [...] pero podrían ser objeto de desdoblamientos futuros de este estudio” (ANDRADE NETA, 2012, p.403).
- 7 “En definitiva, el profesorado trabaja con los niveles de competencia social y emocional que ha podido desarrollar de un modo casi intuitivo a lo largo de su proceso de socialización. Las carencias que aparecen en la práctica profesional no son achacables a que los docentes sean defectuosos, sino que son debidos fundamentalmente a la precariedad o ausencia de una formación específica en el terreno de las inteligencias intrapersonal e interpersonal” (FERNÁNDEZ, 2009, p.147).
- 8 “En concreto, las habilidades de inteligencia emocional ejercen efectos beneficiosos para el profesorado a nivel preventivo. Es decir, la capacidad para razonar sobre nuestras emociones, percibir las y comprenderlas, como habilidad intrínseca del ser humano, implica, en último término, el desarrollo de procesos de regulación emocional que ayudarían a moderar y prevenir los efectos negativos del estrés docente a los que los profesores están expuestos diariamente” (EXTEMERA ; BERROCAL 2004, p. 4).

Referências

ANDRADE NETA, Nair F. *Emociones y sentimientos en la formación de profesores de Español como Lengua Extranjera*. 2011, 484 p. Tese (Doctorado em Didáctica de la Lengua y la Literatura) - Facultad de Educación, Centro de Formación del Profesorado, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, España. 2012.

ANDRADE NETA, Nair F; GARCÍA, G. Emilio; GARGALLO, Isabel S. Inteligência Emocional no Âmbito Acadêmico: uma aproximação teórica e empírica. *Psicol. Argum.* 2008. jan./mar., p. 11-22. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/37686652>>. Acesso em: 6 jan. 2017.

BARCELOS, Ana M. F.; SILVA, Denize D. Crenças e emoções de professores de inglês em serviços. *Revista Contextos*, n. 24, p. 6-19, 2015. Acesso em: 4 jul.2017.

BAR-ON; J. D. A.; PARKER (Orgs.). *Manual de inteligência emocional: teoria, desenvolvimento, avaliação e aplicação em casa, na escola e no local de trabalho* (pp. 165-184). Porto Alegre: Artmed, 2002.

BERROCAL, Pablo F.; PACHECO, Natalio E. Emoción y formación. In: FERNÁNDEZ-ABASCAL, E. G.; SÁNCHEZ, M. P. Jimenez; DÍAZ, M. D. M. (Org.). *Emoción y Motivación: La adaptación humana*. Madrid: Editorial Centro de Estudios; Ramón Areces, S.A., 2003. p. 477-497.

BERROCAL, Pablo F.; ARRANDA, Desiree R. *La Inteligencia emocional en la Educación*. Facultad de Psicología, Universidad de Málaga, España. 2008.

BOZAL, Rocío G.; MÁRQUEZ, Paloma G. I. Inteligencia emocional y educación: desarrollo de competencias socioemocionales. In: NAVAS, J. M. M.; BERROCAL, P. F. (Coord.). *Manual de inteligencia emocional*. Madrid: Ediciones Pirámides, 2007. p. 189-215.

COELHO, Lénea V. M. Competência emocional em professores—contributos da psicoeducação. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, (8), 2012. p. 16-24.

CONSENZA, Ramón M.; GUERRA, Leonor B. Lerdos e Espertos, Estúpidos e Brillhantes: a inteligência e o funcionamento cerebral. *Neurociência e Educação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CONSENZA, Ramon M.; GERRA, Leonor B. *Neurociência e educação: como o cérebro aprende*. Porto Alegre, Artmed, 2011. p. 74-85.

EXTREMERA, N.; BERROCAL, P. La inteligencia emocional en el contexto educativo: hallazgos científicos de sus efectos en el aula. *Revista de Educación*, 332, 2003, p. 97-116.

EXTREMERA, N.; BERROCAL, P. La inteligencia emocional: métodos de evaluación en el aula. *Revista Iberoamericana de Educación*, 2004, 30, p. 1- 2.

FERNÁNDEZ, Pablo P. Desarrollo de la competencia social y emocional del profesorado: una aproximación desde la psicología humanista. *Revista Electrónica Interuniversitaria de Formación del Profesorado*, 12 (2), 2009. p. 145-153. Disponível em: <<http://www.aufop.com>>. Acesso em: 1 dez. 2016.

FURTADO, Natália. M. R. O. *O éthos escolar como estruturante da formação ético-moral na educação básica*. 2005. 354f. v. 1. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

GARDNER, R. J. M.; GRINDLEY, R. M.; CHEWINGS, W. E.; HOLDAWAY, M. D. H. Proc. Univ. Otago med. Sch. n. 61, 1983, p.32-34.]

HEDLUND, Jennifer; STERNBERG, Robert J. Inteligências em Excesso? Integrando as inteligências Social, Emocional e Prática. In: BAR-ON, R.; PARKER, J. D. A. *Manual de inteligência emocional - teoria e aplicação em casa, na escola e no trabalho*. Trad. Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed Ed, 2002. p. 111-127

LEITE, Sérgio A. S. *Afetividade e práticas pedagógicas*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2006.

MARTÍN, Raquel P.; MÁRQUEZ, Paloma.G; BRACKETT, M. ¿Se perciben con inteligencia emocional los docentes? Posibles consecuencias sobre la calidad educativa. *Revista de Educación*. 341. Sep.-Dec. Madrid, 2006. p. 678-703. Acessado em: 22 jan. 2017.

MAYER, John D.; SALOVEY, Peter. ¿Qué es inteligencia emocional? In: NAVAS, J. M. M.; BERROCAL, P. F. (Coord.). *Manual de inteligência emocional*. Madrid: Ediciones Pirâmides, 2007. p. 25-45.

MELERO, María. P. T. La inteligencia Emocional en el currículo de la formación de los maestros. *Revista Interuniversitaria de Formación del profesorado*, n. 38, 2000. Unirioja. ES.

NAVAS, José Miguel Mestre; BERROCAL, Pablo Fernández (Coords.). *Manual de inteligencia emocional*. 1. ed., 2. imp. Madri: Editora Ediciones Pirâmide, S.A, 2007.

NAVAS, José M. M; BOZAL, Rocío G. Inteligência Emocional. In: FERNÁNDEZ-ABASCAL, Enrique G.; SÁNCHEZ, María P. J.; DÍAZ, María D. M. (Org.). *Emoción y Motivación: La adaptación humana*. Madrid: Editorial Centro de Estudios; Ramón Areces S.A.; Tomás Bréton, 2003.

SALOVEY, P.; MAYER, J. D.; CARUSO, J. D. MSCEIT – Mayer-Salovey-Caruso Emotional Intelligence Test. New York: Multi-Health Systems Inc., 2002.

STERNBERG, R. J.; GRIGORENKO, E. L.. A inteligência prática e o seu desenvolvimento (R. C. Costa, Trad.). R. In: BAR-ON; J. D. A.; PARKER (Orgs.). *Manual de inteligência emocional: teoria, desenvolvimento, avaliação e aplicação em casa, na escola e no local de trabalho* (p. 165-184). Porto Alegre: Artmed, 2002.